

Caminhe... pelos Largos. Lugares com Estórias



PERCURSO 2

Largos, Lugares com Estórias



Percurso: Circular



Duração: 1h



Distância: 2 km

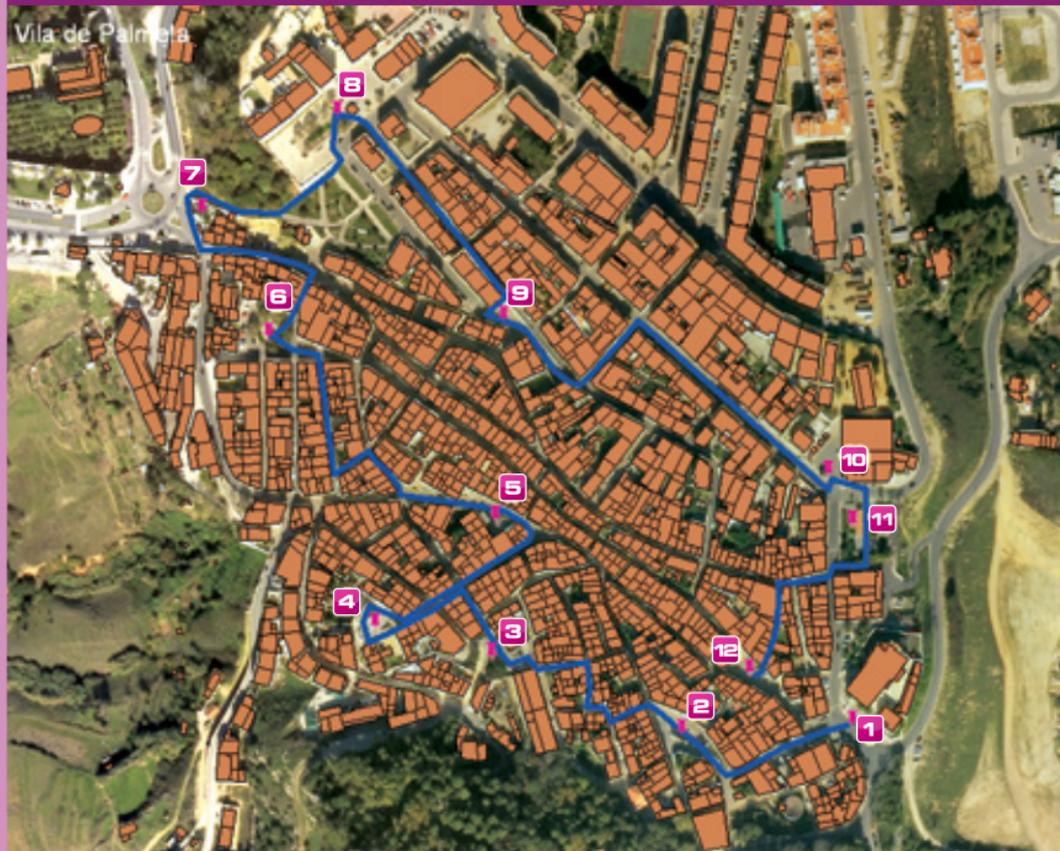


Dificuldade: Baixa

Inicie o percurso no Largo do Município, seguindo depois as indicações fornecidas no mapa.

Poderá terminar o trajecto no Largo Duque de Palmela (antigo Largo do Pelourinho).

Observe todos os pormenores. Tenha um excelente passeio partindo à descoberta da Vila...



1 LARGO DO MUNICÍPIO

De traça peculiar, aqui se encontram implantados os Paços do Concelho e a Igreja de S. Pedro.

O edifício dos **Paços do Concelho**, de 2 pisos, data dos sécs. XVII/XVIII; são-lhe conhecidas diversas utilizações - prisão, açougue, tribunal - antes de deter funções de carácter político-administrativo; em 1755 sofre danos ligeiros com o terramoto. O actual Salão Nobre foi usado como tribunal no séc. XVIII; atestam esta função as pinturas no tecto de masseira: balança - símbolo da justiça e espelho símbolo da verdade nas declarações; um conjunto de retratos - do Conde D. Henrique a D. Manuel I - decora as paredes.

A **Igreja de S. Pedro**, matriz da vila, é de origem trecentista, anterior a 1320, embora o actual edifício date da 2ª metade do séc. XVI. De estilo Maneirista, a definição do espaço aponta para a autoria do arquitecto régio de D. Sebastião, António Rodrigues. O revestimento azulejar monocromático (1740), do reinado de D. João V, representa cenas da vida do orago S. Pedro, terminando no altar-mor com o Triunfo de S. Pedro; podem ser admiradas também pinturas como o Martírio de S. Bartolomeu e a Circuncisão do menino Jesus. O altar-mor e o tecto são do período rocóccó, de transição para o neoclássico (finais do séc. XVIII). Em 1713, um incêndio destruiu o seu interior. No ano de 1755, o terramoto fez cair a fachada, reconstruída nos finais desse século.

2 LARGO D. AFONSO HENRIQUES

(Largo do Arrabalde)

Afonso I, mais conhecido pelo seu nome de príncipe D. Afonso Henriques (1109-1185), foi o primeiro rei de Portugal, conquistando a independência portuguesa em relação ao Reino de Leão. Em virtude das suas múltiplas conquistas, foi cognominado O Conquistador. O mundo muçulmano chamava-lhe Ibn-Arrik, «filho de Henrique» (tradução literal do patronímico Henriques).

O Largo - conhecido localmente como do Arrabalde, lembra-nos a presença muçulmana - situa-se na parte mais elevada de Palmela, pouco abaixo do castelo, e o seu traçado irregular, desnivelado, remete para um passado medieval e quinhentista, acentuado pelo carácter pitoresco das construções envolventes. O Bairro do Arrabalde está na génese da actual vila; ainda conservam cantarias boleadas originais dos vãos, as casas número 11 - que fica na cota mais elevada e também a mais arruinada de todas - e número 16; as restantes casas apresentam alguns elementos modernizados. Deste largo avista-se uma excelente perspectiva sobre a Igreja de S. Pedro e o casario intermédio.

3 LARGO D'EL REI D. JOÃO I

(Largo do Rossio)

D. João I (1357-1433), filho ilegítimo do rei D. Pedro e de Teresa Lourenço, foi consagrado Mestre da Ordem de Avis em 1364 e rei na sequência da crise de 1383-85. No seu reinado são descobertas as ilhas de Porto Santo (1418), Madeira

(1419) e arquipélago dos Açores (1427) e inicia-se a colonização de algumas, além de se realizarem expedições às Canárias. Foi cognominado O de Boa Memória.

No início do século XVI, a vila contaria com cerca de 400 habitantes que se distribuíam até este largo - o Rossio -, eixo de ligação ao exterior da urbe, abrindo caminho para Setúbal e Moita. Na Rua da Ladeira, a casa número 17 possui uma pitoresca escada em pedra exterior.

4 LARGO DA BOAVISTA

No miradouro implantado neste largo, pode-se vislumbrar parte do Parque Natural da Arrábida. Aqui teve a sua primeira sede a Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”, criada em Outubro de 1852. Edifício com imponente fachada de dois andares e telhados de tesouro, provavelmente do séc. XVIII, com uma fila de varandas de sacada no andar superior, cujos gradeamentos de ferro forjado são já do séc. XIX, época em que foi acrescentada à fachada uma platibanda com balaustres de louça branca.

Na frente da plataforma do miradouro, virada para a Rua da Boavista, pode-se apreciar um painel de azulejos desenhado e pintado por Andreas Stocklein em 1989, alusivo às Quatro Estações.

5 LARGO DO MERCADO

Neste largo, pode observar-se o carácter pitoresco das fachadas das casas, algumas delas do século XIX. Pormenores a encontrar: alguns telhados de tesouro; uma varanda de ferro forjado em forma de coração, nos nºs 2-4; uma fachada

de duplo beirado e platibanda com círculos de massa em tons de branco e azul no nº 62...

No interior do Mercado Municipal de Palmela, uma memória das escavações arqueológicas realizadas no local pelo município em 2002, revela-nos o quotidiano medieval da vila nos séculos XIV-XV: cerâmicas importadas de Aragão e Castela do reino muçulmano de Granada e de repúblicas italianas, bem como produções locais de influência muçulmana foram aí encontradas; pelos vestígios alimentares identificados, ficamos a saber que a população dos sécs. XIV-XV consumia, entre outros, javali, veado, vaca, cabra, ovelha, coelho, galo, búzio, mexilhão, ostra, lamejinha, e usava peles de lince e gato bravo na produção artesanal. Convite: repousar no terraço do mercado e contemplar a vista.

6 LARGO MARQUÊS DE POMBAL

Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Conde de Oeiras e mais conhecido como Marquês de Pombal, foi secretário de Estado do Reino (primeiro-ministro) de D. José I (1750-1777), constituindo uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa.

Foi a República que atribuiu ao largo o nome de Pombal, pois antes de 1911 designava-se Largo de S. Sebastião. Ao centro, encontra-se um chafariz - tipo obelisco - género divulgado no século XIX.

De assinalar o edifício de esquina com a Rua Joaquim Brandão, com platibanda decorada com ornatos de massa em formato de grinalda, com figuras vegetalistas, a varanda

de cachorrada no nº 45, o duplo beiral do nº 12... Desça as Escadinhas dos Caracoleiros.

7 LARGO DO CHAFARIZ D. MARIA I

Dona Maria I (1734-1816), baptizada Infanta Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana, foi primeira mulher rainha de Portugal, e reinou entre 1777 e 1816, sucedendo a seu pai, D. José I. Ficou conhecida pelos cognomes de A Piedosa ou A Pia, devido à sua extrema devoção religiosa, mas também como A Louca, devido ao estado de demência (que a afastou da governação em 1792), agravado quer por problemas de foro familiar - morte do filho primogénito, por exemplo - quer pelo contexto político nacional e internacional contemporâneo do reinado (ex.: Revolução Francesa, 1787-1792). O seu reinado foi marcado por importantes realizações a nível da ciência, da acção social e do ensino.

Construído em pedra, com planta rectangular, o chafariz D. Maria I, decorado em fidelidade à estética cenográfica barroca, tem um frontão encimado pela pedra de armas da monarca, e uma inscrição latina em frontão triangular que quer dizer: Para utilidade pública foi feita por resolução do povo, Senado e administração do concelho sob protecção de D. Maria I. 1792. Os fogaréis terão sido colocados nessa época; sob os panos laterais - que ao centro ostentam as armas do concelho -, dois tanques com bicas seriam usadas para bebedouro de gado.

O chafariz setecentista substituiu um anterior de período quinhentista, construído por ordem de D. Jorge (1481-1550), último Mestre da Ordem de Santiago, sepultado na Igreja

de Santiago do Castelo de Palmela.

No Largo podem ainda ver-se a escultura de Homenagem aos trabalhadores rurais, de Pedro Botelho (1999), uma fachada Arts Déco - nºs 6-7 - e avistar a Quinta do Carvacho, datada de cerca de 1930, com imponentes araucárias.

Suba o Jardim Joaquim José de Carvalho (1895-1975) até ao Largo S. João.

8 LARGO DE S. JOÃO

João Baptista (Judeia, 2 a.C. - 30 d.C.), segundo a narração do Evangelho de S. Lucas, era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Profeta, considerado pelos cristãos como o precursor do Messias, baptizou multidões no rio Jordão, incluindo Jesus Cristo, e introduziu o baptismo nos rituais de conversão judaicos, prática mais tarde adoptada pelo cristianismo.

Neste Largo, cujo nome se associa à Capela de S. João Baptista, pode desfrutar-se da vista sobre o vale dos Barris, o Parque Natural da Arrábida, e apreciar uma privilegiada panorâmica do Castelo de Palmela.

Alguns dos edifícios merecem aqui a atenção do visitante:

- o Coreto, da Sociedade Filarmónica Humanitária (criada em 1864), data de 1924, e esteve a cargo do mestre pedreiro e empreiteiro palmelense Salvador Augusto Camolas. Constituído por uma base marmórea, estrutura de ferro forjado e cobertura de madeira, tem típica decoração da época;

- Capela de S. João Baptista, de construção do séc. XVII (1655) foi instituída por iniciativa do frei Jerónimo de Brito e Melo. De fachada maneirista, apresenta encimando o portal

de calcário uma pedra de armas com o brasão dos Britos e Melos. Interior de uma só nave de proporções avantajadas, tendo nas paredes laterais revestimento azulejar de “tapete” de meados do séc. XVII. Classificada como Valor Concelhio em 1997, é propriedade da Diocese de Setúbal;

- o edifício-sede da Biblioteca Municipal de Palmela foi construído em 1928 para Escola Primária nº 1 da vila; apresenta uma fachada eclética com dois corpos de andar único, centrados por outro de dois andares, mais elaborado; adaptado às exigências da rede de bibliotecas de leitura pública, reabriu em 2005;

- o Cine-Teatro S. João data dos anos 1948-1950, obra do arquitecto alemão Willy Braun e do engenheiro Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho, foi encomendado pelo benemérito palmelense Humberto da Silva Cardoso e inaugurado em 26 de Julho de 1952, com um inovador conjunto de máquinas de projectar Zeiss Ikon. Encerrou actividade em 1981, mas a sua aquisição pela Câmara Municipal em 1989 permitiu a reabertura em 1991 como grande equipamento cultural do concelho;

- perto do Cine-Teatro, um conjunto de casas entre a Rua Amílcar Mota e a Travessa de Olivença, distinguem-se pela decoração de azulejos Arte Nova de cerca de 1900 - descubra-as!

9 LARGO DO PASSO DA FORMIGA

Neste pequeno largo, na confluência da Rua Augusto Cardoso, aprecie no flanco do prédio de esquina uma janela de cantaria moldurada, com ombreiras simples a ocupar

o espaço do que foi um Passo do Calvário, de fins do séc. XVI ou inícios do XVII: devia pertencer a um dos antigos Passos da procissão do Corpus Christi. Em frente, o nº 4 apresenta-nos uma fachada quinhentista de dois andares, com chaminé à face, alterada por uma varanda Arts Déco de início do séc. XX.

10 LARGO DOS LOUREIROS

O largo assume o nome da Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros” que aqui se situa. Esta colectividade data de 25 de Outubro de 1852 e foi fundada por Joaquim José Correia, José Cipriano Arronches, António Carlos dos Santos, António Joaquim Pinto, Francisco Augusto Paiva e outros ilustres da vila.

11 LARGO 5 DE OUTUBRO

Nos dias 4 e 5 de Outubro de 1910, militares da Marinha e do Exército iniciaram uma revolta em Lisboa, para derrubar a Monarquia; com os militares estiveram a Carbonária e as estruturas do Partido Republicano Português (PRP). José Relvas, membro do Directório do PRP, proclamou a República na varanda dos Paços do Concelho de Lisboa no dia 5, às 9 horas da manhã. Foi formado um Governo Provisório chefiado por Joaquim Teófilo Braga; em Maio de 1911 realizaram-se as primeiras eleições e em Agosto foi promulgada a nova Constituição. Grandes reformas foram realizadas no país durante a 1ª República, período de 16 anos, marcado por uma intensa agitação política.

O antigo Largo do Touril - no passado foi usado para pegas

de touros -, foi chamado de Largo do Infante D. Afonso até à República lhe atribuir a data da sua implantação. Do lado oposto ao edifício dos “Loureiros” evidencia-se uma casa antiga, de aspecto nobre, de finais do séc.XVII ou inícios do séc. XVIII, com um registo azulejar que recorda um coreto. Do jardim com miradouro, virado a nascente, vê-se a bacia do Sado.



LARGO DUQUE DE PALMELA

(antigo Largo do Pelourinho)

O ducado de Palmela foi instituído por decreto de D. Maria II, sendo seu primeiro portador D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), diplomata, liberal de formação, entusiasta das Guerras Liberais, muito contribuiu para a vitória liberal. Primeiro conde de Palmela em 1812, foi nomeado embaixador em Londres e integrou a delegação portuguesa ao Congresso de Viena (1815). Feito duque de Palmela em 1833, exerceu a presidência do conselho de regência do país durante a menoridade da soberana. Alternando os exílios com altas funções no Estado, era detentor de um vasto património fundiário.

Neste largo, de traça medieval onde converge a antiga Rua Direita da vila - actual Rua Contra-Almirante Jaime Afreixo -, ergue-se o Pelourinho, datado de 1645, com as Armas Reais de D. João IV, encimadas pela Coroa Real, marca do período pós-Restauração. Apeado aquando da extinção do concelho de Palmela - por integração no concelho de Setúbal, em 1855 -, o Pelourinho foi reerguido pela população em 1907, no início das reivindicações pela restauração do concelho, for-

malizada em Novembro de 1926. Construído em calcário, possui uma plataforma octogonal com três degraus, sendo o fuste cilíndrico e liso com um capitel decorado com folhas acânticas, encimadas por óvulos, do qual saem quatro ganchos de ferro com motivos zoomórficos. Em 1910 foi classificado como Monumento Nacional.

No mesmo largo encontramos a Igreja da Misericórdia com origem na albergaria do Espírito Santo, que integrava uma confraria adstrita a S. Pedro. A Misericórdia foi instituída em Palmela no ano de 1512 “para auxílio no corpo e no espírito dos necessitados.”

A igreja tem fachada caiada com barra amarela, portal emoldurado a cantaria e encimado por um janelão rectangular; o interior de nave única, apresenta tecto de três planos de madeira pintada. O edifício foi sujeito a três campanhas de obra, nomeadamente aquando da sua construção (séc. XVI), colocação de azulejos (séc. XVII) e altar de talha Joanina (séc. XVIII). O revestimento azulejar de “Tapete” do séc. XVII, policromático, apresenta dois padrões e escala diferentes; o altar é de talha dourada joanina, do séc. XVIII. Alguns dos vultos ilustres de Palmela e Provedores da Misericórdia tiveram direito a sepultura neste espaço, destacando-se também a inscrição mural do Mestre do Crato, Frei Jerónimo de Brito e Melo, Provedor desta casa, à qual doou todos os seus bens.

Contíguo ao edifício da Igreja da Misericórdia situa-se o antigo Hospital da Misericórdia (séc. XVII), foi refuncionalizado como unidade hoteleira.

Situava-se neste largo, na direcção dos Paços do Concelho,

o solar de Francisco Coelho Cardoso, provedor da Santa Casa da Misericórdia, no séc. XVI, instituidor da Capela e Morgado da Fonte do Anjo; desta residência restam alguns vestígios, nomeadamente o portão nº 16, encimado por uma pedra de armas daquela família.

Várias outras fachadas merecem atenção pela decoração de azulejo, ornamentos diversos, louças e ferro forjado. Pode continuar a descobrir a arquitectura da vila pelas artérias que derivam da Rua Hermenegildo Capelo, paralela à antiga rua Direita.



Palmela a caminhar:

descubra as ruas, as escadinhas, os becos, a arquitectura, os monumentos, a paisagem...

Para saber mais...

1 FORTUNA, António Matos - Monografia de Palmela – Vol. II: Quando se levantou o Chafariz (Reinado de D. Maria I), Palmela: Grupo de Amigos do Concelho de Palmela, 1997.

2 SERRÃO, Vítor e MECO, José - Palmela Histórico-Artística. Um inventário do Património concelhio, Palmela/Lisboa: C.M.Palmela/Ed. Colibri, 2007.

3 www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx - Centro Histórico de Palmela.

Website do **IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana** no qual se disponibilizam os conteúdos que integram o **SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico**.

Contactos

Divisão de Património Cultural: 212 338 180 | Posto de Turismo: 212 332 122 | www.cm-palmela.pt

Este suplemento faz parte da Colecção **Catavento | Roteiros Pedestres** (Percurso 2) Coleccione os 5 Percursos. No final temos uma surpresa para si.